

Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

ESTÉTICA E CONFORTO DE COMUNIDADES ATRAVÉS DE ÁREAS VERDES: O
CASO DE HUÁNUCO, PERU.

Juliana Coutinho Brunelli

Prof. Dr. José Gilberto

Rio Claro (SP)

2012

6

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

JULIANA COUTINHO BRUNELLI

ESTÉTICA E CONFORTO DE COMUNIDADES ATRAVÉS DE ÁREAS VERDES: O CASO DE HUÁNUCO NO PERU

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Campus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro - SP

2012

JULIANA COUTINHO BRUNELLI

ESTÉTICA E CONFORTO DE COMUNIDADES ATRAVÉS E ÁREAS VERDES: O CASO DE HUÁNUCO, PERU.

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

_____ (orientador)

Rio Claro, ____ de _____ de _____.

Assinatura da aluno

assinatura do orientador

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso teve como um dos objetivos principais condensar o conteúdo aprendido e vivido durante os anos da academia e fazer dele o início de uma jornada rumo à compreensão dos fenômenos pertinentes aos indivíduos em sociedade e ao espaço urbano em detrimento à natureza. Este trabalho tem como área de estudo um dos lugares mais pobres da América do Sul, mas que traz reflexões e interpretações no tocante à vida e à ciência geográfica. Para o entendimento desta, houve a necessidade de resgatar o processo histórico local, relatar as suas especificidades, para assim, traçar um paralelo com as teorias geográficas. Houve a tentativa, portanto, de abarcar os conhecimentos teóricos para a compreensão das diferentes identidades sócio-espaciais, territórios e contextos socioeconômicos.

Palavras-chave: áreas verdes, natureza, lazer, qualidade de vida, estética da paisagem.

Abstract

The following work had as one of major goals to summarize everything that was learnt and experienced during the Geography Graduation Course and doing it the beginning of a journey towards understanding the phenomena relevant to individuals in society and the urban space over the nature. This work has the background one of the poorest places in South America, but that comes up reflections and interpretations regarding the life and geographical science. To understand this, it was necessary to rescue the local historic process, report their specificities, thus, drawing a parallel with the geographical theories. There was an attempt, therefore, to encompass the theoretical knowledge to understand the different socio-spatial identities, territories and socioeconomic contexts.

Key-words: green areas, nature, leisure, welfare, landscape's aesthetic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 O PROCESSO HISTÓRICO DO CONCEITO DE NATUREZA E DA RELAÇÃO COM O SER HUMANO	9
2.1 Diversas concepções de natureza.	10
2.1.1 Concepção da natureza do ponto de vista peruano atual.	12
2.2 Dominação da natureza e a formação de cidades.	13
3. CONHECENDO A CIDADE ESTUDADA.	19
3.1 A partir do século XV	23
3.1.1 Sendero Luminoso	24
3.2 Comunidades: Futura Generación e Leôncio Prado.	25
3.2.1 Características Físicas do lugar.	27
4. Áreas Verdes	28
5. A função das áreas verdes	31
5.1 Diversidade de funções	32
5.2 As áreas verdes e o conforto	35
5.3 As áreas verdes de Huánuco	36
6. As paisagens huanuqueñas	42
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

Introdução

Um pressuposto desse trabalho é que o espaço geográfico é uma produção social que se realiza mediante o trabalho e com a transformação da natureza. A concepção de espaço geográfico está contida na expressão de diferentes categorias: natureza, sociedade, tempo e espaço. A Natureza é uma categoria do espaço geográfico (SUERTEGARAY *et al.*, 2000).

A natureza não é apenas um mero integrante deste processo, ao contrário, é a condição material, cultural e estética dele. A cidade, que pode ser entendida aqui como a síntese deste processo (que sob o capitalismo é universal), é o produto de uma complexa dialética de forças interativas. Quais sejam os produtos das interações sociais e destas com a natureza, que ocorrem de forma simultânea e articulada ao longo da história (MOREIRA, 2007).

A cidade pode ser tomada como uma demarcação física ou simbólica do espaço, cujos usos lhes qualificam e atribuem os sentidos diferenciados, orientando as ações sociais e sendo por estas delimitadas. Entretanto, sejam física ou simbolicamente demarcados, elas são construídas socialmente de acordo com pressupostos, valores e princípios de sua época de formação (LEITE, 2004).

Sendo a paisagem o fruto das relações sociais, identificamos os agentes responsáveis por produzir uma nova dinâmica de ocupação do espaço. Por sua vez, podemos afirmar que o homem exerce fundamental transformação do espaço. No caso deste trabalho, a área de estudo difere-se de cidades mais urbanizadas, porém ela possui sua própria dinâmica ainda que mais rural e menos conectada às tecnologias, mas que fora produzida pelas interações que ocorreram ao longo de sua história. Prova disso foram as marcas da paisagem, mostrando-nos o poder de mudança que o homem possui. Assim como afirma TROPPEMAIR (2003), que o trabalho humano transforma a terra em produto, modifica o ciclo da natureza, interfere nas dinâmicas puramente biológicas, intervém, construindo o espaço urbano.

Para a relação entre a produção do espaço urbano e a produção da natureza, consideramo-la nas cidades. Buscando as relações entre a natureza e a urbanização. Assumimos uma análise das áreas verdes, a sua importância e a conceituação de suas funções e termos, paralelo à análise da paisagem de Huánuco

(Peru), ao passo que a ideia de instalar ali áreas verdes em duas comunidades pobres (Leoncio Prado e Futura Generación), podemos construir uma ponte entre a importância de se ter áreas verdes naquele contexto com a realidade atual.

A metodologia permeará as linhas de fundamentação dos conceitos frisados para este trabalho, o que requer um levantamento bibliográfico de grandes autores que podem nos dar o respaldo necessário para prosseguir com o trabalho. Na próxima etapa, foi detectada a necessidade de se apresentar o local de estudo, já que se encontra em outro contexto, outro país e por ser uma cidade desconhecida para a maioria das pessoas.

A apresentação e o levantamento do processo histórico permitirão além da compreensão das características atuais, como pode ser pensado num futuro próximo, um planejamento sócio-urbano, e, assim, poderá servir para a análise e a interpretação de outros contextos e culturas.

Já próximo ao final do trabalho, partiremos da concepção de estética e de conforto para submeter à área de estudo a uma proposição plausível e consciente das demandas e das características gerais, dentro do padrão proposto por esses conceitos.

Por fim, serão expostas as atuais áreas verdes na cidade, mas que são fora da área de estudo, uma interpretação do que foi visto e percebido em campo, para a partir daí corroborar a ideia de que todos precisamos ter áreas verdes como refúgio, apreciação da natureza e lugar de descanso agradável.

Pode-se tentar sintetizar essa questão citando Sitte (1992, p. 167), que destaca a importância dos espaços livres na grande massa de edifícios, pois “são essenciais para a saúde, mas não muito menos importantes para o êxtase do espírito, que encontra repouso nessas paisagens naturais espalhadas no meio da cidade. Sem recorrer à natureza, a natureza [em si] seria um calabouço fétido”. Assim, podemos dizer que as áreas verdes desempenham um papel importante no mosaico urbano, porque constituem um espaço encravado no sistema urbano cujas condições ecológicas mais se aproximam das condições normais da natureza. (LOBODA e DE ANGELIS, 2005)

Assim, concluiremos o trabalho, expondo e comentando as considerações finais.

Área de Estudo – Município de Huánuco, na Província de Huánuco



Figura 1: Divisão político administrativa do Peru

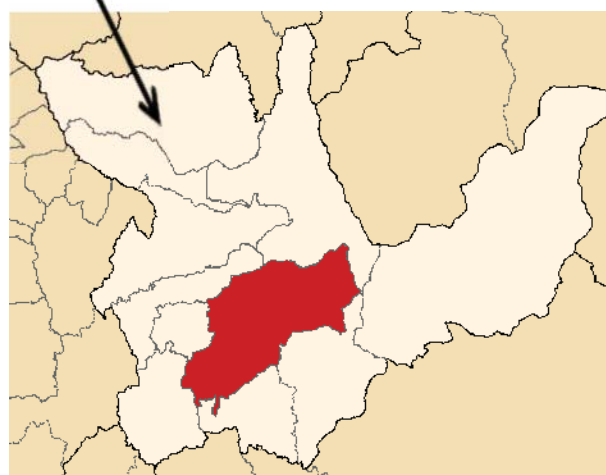


Figura 2: Mapa da província peruana de Huánuco com destaca para sua capital, a cidade de Huánuco

1. Capítulo I – O processo histórico do conceito de natureza e da relação com o ser humano

A forma de entender e conceituar a natureza muda de acordo com o momento histórico. O modo de ver e compreender o mundo são definidos no espaço-tempo e dependem da concepção de natureza criada pelo homem. O conceito de natureza não é natural, é criado e instituído pelos homens (GONÇALVES, 1996), da mesma forma que houve várias sociedades, houve também diferentes formas de entender a natureza e, portanto, defini-la (CASTELONOU, 2006 e GONÇALVES, 1996).

Para os homens primitivos e também para os povos indígenas, a distinção entre homem e natureza não existia, pois o homem vivia em completa interação com tudo que estava à sua volta e não conseguia perceber nada como diferente. Esse homem era como qualquer outro elemento do meio natural, apenas outra espécie de mamífero. Não existia o desejo de apropriação e dominação da natureza, homem e natureza compunham um único corpo. *“As diferenças existentes não eram suficientes para colocá-los em mundos distintos, não havia a cisão entre o mundo natural e o mundo social”* (CARVALHO, 1991, p. 25).

No entanto, houve o desenvolvimento do pensamento humano trazendo grandes alterações na forma de ver a natureza, que passa a ser reconhecida como algo distinto ao homem. Novos valores são agregados à realidade humana e o homem vai se separando da natureza.

Os antigos gregos, (Platão, Pitágoras, Sócrates, por exemplo) cuja visão antropocêntrica, faziam-nos conceber a natureza como morada do homem ou como campo de seu domínio. As influências dessa visão existem até os dias de hoje, como na ciência moderna que define a natureza em relação ao homem.

Durante o período medieval, as pessoas viviam em comunidades pequenas e coesas, e vivenciavam a natureza em termos de relações orgânicas, caracterizadas pela interdependência dos fenômenos espirituais e materiais e pela subordinação das necessidades individuais às da comunidade (CAPRA, 1987).

Galileu Galilei combinou a linguagem matemática com a experimentação científica, e o homem passou a olhar para a natureza, considerando o seu funcionamento como o de uma máquina, e então, a análise da natureza deixou de ser uma busca desinteressada. (CASTELNOLU, 2006)

Por outro lado, no Renascimento assistiu-se uma mudança no modelo de concepção da natureza, em que esta passou de um padrão qualitativo para um quantitativo, uma ampliação da matematização do mundo, conforme o desencantamento da natureza e o seu aprisionamento em sistemas naturais e em jardins intencionalmente geométricos (HENRIQUE, 2006).

Dessa forma, no século XVII, os cientistas e os intelectuais foram caracterizados por defender a ideia de que a matéria era a base de toda a existência, e com isso, os fenômenos podiam ser explicados de maneira reducionista, simplesmente isolando as partes. Por isso, então, essas ideias culminaram mais tarde para a sistematização da natureza como uma máquina, a ser dominada e explorada pelo homem.

Atualmente, a nossa ciência e a nossa tecnologia baseiam-se na crença seiscentista de que a compreensão da natureza implica à sua dominação pelo homem (GONÇALVES, 1996). Combinada com o modelo mecanicista do universo e com a excessiva ênfase dada ao pensamento linear, essa atitude produziu uma tecnologia em que o habitat natural e orgânico de seres humanos complexos é substituído por um meio ambiente simplificado, sintético e pré-fabricado. (CAPRA, 1981).

Em linhas gerais, a dicotomia entre o homem e a natureza prove de uma concepção desta concebida pela ciência como uma externalidade do homem, e, portanto, a separação que ocorre entre os dois constitui numa herança da visão de mundo do século XVII, a qual transformou a natureza em objeto e o homem em sujeito conhecedor e dominador desta. Há quem considere isso um fruto das ideias positivistas da época, que consideravam a ciência e o homem (detentor do conhecimento) como dominadores e a natureza, sua fonte de estudos para assim estabelecer a supremacia do conhecimento em detrimento às outras formas de pensamento.

2.1 – Diversas concepções de natureza

Desde a sua autonomia enquanto ciência, a concepção de natureza veiculada pelos geógrafos também se constitui como algo externo ao homem. Considerar que um dos objetos da Geografia é a relação entre homem/natureza evidencia o

pensamento de que o homem não se considera como parte da natureza. (SUERTEGARAY *et al.* 2000).

Francis Bacon dizia que a natureza tinha de ser “*obrigada a servir*”, e devia ser “*reduzida à obediência*”, a fim de se “*extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos*” (CAPRA, 1981).

Vale ressaltar a contribuição de Immanuel Kant e Alexander Von Humboldt que incrementaram o pensamento de que a noção de totalidade da natureza está no contato direto com a beleza dela. Assim, aos poucos o homem começou a buscar o reestabelecimento da harmonia e da totalidade da natureza.

Entretanto, décadas depois, a natureza vista dessa forma já não atendia às necessidades vigentes da indústria que emergira, nem de outras formas de reprodução do capital. Por isso, nos séculos XVIII e XIX, a natureza começou a ser percebida como uma rede de relações que incluem o homem e a sua consciência, a sua maneira particular de ver. Segundo Castelonou (2006), a natureza transformou-se em suporte à vida e aos meios de produção, assim seus elementos passaram a ser vistos como mercadoria, os chamados “*recursos naturais*”.

A partir do século XIX, passou-se a estudar mais sobre a natureza ressaltando as espécies para a dinâmica dos ecossistemas, e até, a participação e o espaço do homem neles. Assim, surgiu um novo paradigma de preservação dos ecossistemas.

Nos dias atuais, sabe-se que a maioria da população do nosso e de outros países vive em espaços urbanos, onde a natureza é vista como algo externo a si e à própria cidade, um lugar em que se faz necessário sair do seu meio para poder chegar a ela. Ou seja, o homem considera-se inteligente o bastante devido às transformações resultantes na natureza e, assim, vê-se liberto e autônomo em sua relação com ela, ocultando até, as suas raízes biológicas. (SCANDURRA, 2002)

Atualmente, pode-se analisar o nosso contexto tendo como base conceito de redes na sociedade contemporânea, estudado por Castells (CASTELLS, 2007). Este estabelece que as redes estejam configuradas pelo processamento e pela transmissão da informação tornando-se, assim, as fontes fundamentais de produtividade e poder. Estas redes são tidas como instrumentos que foram apropriados pela economia global, suas organizações e as instituições voltadas à flexibilidade e à adaptabilidade, para assim melhor redefinir as culturas

organizacionais, de acordo com as novas dimensões do ambiente. Já que, as redes são constituídas pela estrutura social aberta, dinâmica e suscetível à inovação. (2008)

Ademais, a relação homem/ natureza do final do século XX e início do XXI, também pode ser entendida pelas palavras de Milton Santos (2006), ao explanar o meio técnico-científico-informacional, dessa forma se pode interpretar o momento atual. O homem vê a natureza como objeto de estudo necessário para lhe manter a existência, e não obstante, passou a interferir na mesma com o uso de tecnologia avançada, para extrair o máximo que ela pode lhe oferecer. Assim pode-se citar os alimentos transgênicos, os animais clonados, os rebanhos monitorados via satélite, fertilizantes e pesticidas mais potentes e o *agrobusiness*.

2.1.1 Concepção da natureza do ponto de vista peruano atual

Categoricamente não podemos afirmar, no entanto, que o local de estudo se encaixa no contexto globalizado de redes dito por Castells, pois estas comunidades vivem da prestação de serviço e não possuem saneamento básico, nem energia elétrica como será dito no próximo capítulo.

O Banco Central de Reserva do Peru (BRCP) alega que a província de Huanuco (cujas capitais também se chama Huanuco), angaria somente 0,86 do PIB Nacional do Peru e a dinâmica econômica gira em torno da prestação de serviços (43,4%), porém o setor agropecuário corresponde a 22,5% da economia. (2010)

O Instituto de Investigações da Amazônia Peruana afirma em documento lançado em 2010, que cerca de 40% da população da cidade de Huánuco seja ainda rural (Censo Nacional de 2007). Também vale citar que 40% dos moradores de Huánuco não possuem acesso à energia elétrica, segundo os dados do Censo (2007).

Ainda com relação às características demográficas de Huánuco, foi verificado que dos 180.731 domicílios, 50.435 não possuem sequer algum aparelho eletrodoméstico. Já com relação ao acesso a algum serviço de comunicação ou informação (aqui foi considerado o telefone móvel ou fixo, TV a cabo e internet), em Huanuco, dos 180.731 domicílios, 141.182 não possuem **nenhum acesso**. (grifo nosso)

Todos estes dados nos dão base para corroborar a hipótese de que essa população ainda não faz parte do mesmo contexto globalizado e conectado que o Brasil e outros países fazem.

A partir da observação de campo foi analisado que a natureza é concebida como um meio de subsistência, ou é reproduzida como agricultura familiar, onde as ferramentas ainda são rudimentares para o cultivo de alimentos que ainda são produzidos em menor escala, e estes serão além de consumidos pela família, também serão vendidos no mercado municipal de Huánaco.

Por outro lado, foi observado que as pessoas sabem da necessidade de se preservar a natureza, embora não saibam muito bem como fazê-la. Além disso, não se sabe dizer muito bem por que é importante ter áreas verdes, elas somente veem a necessidade de tê-las, contudo não se observou nenhuma iniciativa para isso, de forma geral.

Quanto aos efeitos causados pela ausência de áreas verdes e a destruição da natureza ainda não são mensuráveis na concepção deles, como por exemplo não se saiba muito bem dos riscos e efeitos que o lixo despejado pela própria prefeitura no rio principal da cidade possa ocasionar.

Portanto, a concepção de natureza que as pessoas têm em geral gira em torno da subsistência, ao vê-la como propriedade que se pode manejar para obter sustento. Enquanto parte das pessoas consegue visualizar a função estética e de lazer que a natureza também pode ter.

2.2 - Dominação da natureza e a formação de cidades

A formação das primeiras cidades se deu a partir do momento em que o homem deixou de ser nômade, dominando o cultivo agrícola e aos poucos, começou a se fixar. Passou então de coletor, para produtor, através da agricultura e criação de alguns animais. Num primeiro momento, a natureza era usada para o bem estar e sobrevivência do homem, já que este era ainda subordinado à natureza (SANTOS, 2006).

Posteriormente, tudo foi uma questão de organização. As terras passaram a ser privadas, as tarefas eram distribuídas, para o que hoje denominamos “divisão do trabalho” e, por fim, deu-se origem ao Estado. “*O Estado, a lei e a ordem são*

tomados como necessários para evitar o primado da natureza” (GONÇALVES, 1996, p. 26).

Aos poucos e cada vez mais, as cidades surgiram com o estigma do progresso, da funcionalidade, tudo em torno do bem estar humano, e nela não há espaço para a livre expressão da natureza. Por conseguinte, sofremos os efeitos da herança cultural européia, pois esta provocou alterações drásticas e irreversíveis na paisagem, segundo SANTOS (2001). Ainda na mesma linha de pensamento, ele observa que o homem precisa de um ambiente artificial para que o proteja do ambiente, confirmando, então a luta inevitável com a natureza.

Os parques e os jardins públicos então foram aflorando nas cidades europeias simultaneamente ao aparecimento dos primeiros espaços ajardinados na América a partir do século XVI. Trata-se de uma peculiar forma de urbanização e consolidação dos espaços urbanos, contemporânea ao estabelecimento da ciência moderna e ao surgimento de uma nova sensibilidade, um olhar distinto apreciando a paisagem à luz da redefinição das relações entre o homem e natureza.

Já SENNET nos traz a analogia da cidade com o corpo humano. As cidades surgiram, então, no século XVII, devido à necessidade de viabilizar a locomoção e, este, se tornou o objetivo do urbanismo, as pessoas deveriam mover-se como hemácias e leucócitos no plasma saudável (1997). Contanto, o funcionamento do corpo da cidade evolui para uma categorização mais “precisa” do diagnóstico dos males que afligiam a cidade até a proposição de intervenções urbanas. Isto é, as primeiras cidades urbanizadas conviviam com a insalubridade, falta de higiene e a proliferação de doenças.

Em meio a doenças como cólera, varíola, difteria (COSTA, 1987), lepra, gripes, sífilis, a saúde da população mais numerosa seria garantida pelo isolamento da minoria, dessa forma, nasciam cidades como entidade social, econômica que crescera tanto e tornara-se tão diversificada que não podia manter as pessoas juntas.

Dessa forma, os médicos da época trabalharam a fim de trazer às pessoas novas práticas e políticas urbanas para conter a proliferação de doenças. Uma nova concepção de cidade emergiu a partir disso. Por isso, nesse momento, as praças funcionavam como grandes pulmões, representando um oásis de ar puro, de contemplação, estimulando a imaginação.

Em contrapartida, o cenário atual ainda precisa de áreas verdes. Tendo as cidades como o local de moradia de grande parte da humanidade na atualidade, constata-se uma nova valorização estética da natureza, um 'simbolismo estético'. A natureza na cidade passa a ter um simbolismo, e atualmente há uma grande valorização daquela, quer seja por motivos estéticos ou pelas razões higienistas (de saneamento da cidade, cada vez mais poluída pelas indústrias) (HENRIQUE, 2006).

Ainda é possível acrescentar que a natureza passa a ter valor na cidade para representar uma oxigenação em meio à poluição. Como também, lugares com maior arborização concentram-se em zonas mais nobres, enquanto que as periferias possuem menos áreas verdes, refletindo a idéia popular de qualidade de vida associada à presença de vegetação como um dos fatores principais à qualidade e que passam despercebidas às áreas mais pobres.

Tal fato, acaba gerando uma idealização da natureza pelos habitantes da cidade que mostram uma dupla determinação, sendo ambas relacionadas com a distância que a natureza (objeto a ser idealizado) está da vida cotidiana. Sendo que, uns estão mais próximos da natureza e buscam a superação das dificuldades impostas por ela, e, por outro lado, aqueles que habitam lugares altamente tecnificados, longe da natureza e das suas limitações, buscam criar uma proximidade com a mesma, como válvula de escape e/ou objeto de admiração (HENRIQUE, 2006).

Por conseguinte, há quem se aproxime da natureza de forma planejada ou não, e acaba sofrendo com as conseqüências da falta de conhecimento, ou mesmo por necessidade acerca dos processos naturais. Como exemplo, moradias são anualmente invadidas pelas águas em épocas de cheias dos rios, que por muitas vezes são intensificadas pela poluição dos córregos e canais feita pelos moradores locais ou não.

Na área de estudo, o que ocorre é a presença do *huayco* (termo quéchua que significa "vale profundo"). Este é um termo peruano para definir um rio de lama e o que mais houver pelo caminho, que desce do topo das serras em períodos chuvosos. Formando profundos canais que se ampliam na medida em que o *huayco* desce ferozmente e, conseqüentemente destrói o que estiver à margem, como estradas e casas. Para agravar a situação, este canal acaba se tornando um

depósito de lixo, devido à ausência de coleta dos resíduos pelas *municipalidades*, ou prefeituras.

2.3 Criação de Parques e Jardins Urbanos

Esta questão veio à tona, principalmente, após a expressa recomendação dos higienistas para a purificação do ar e o embelezamento no século XIX. Frederick Law Olmsted (1822-1903), paisagista inglês, foi um dos percussores na criação de parques públicos, por meio de projetos de parques e praças, em cidades dos Estados Unidos. Assim, o parque urbano passou a ser símbolo de uma nova vida comunitária, e ao mesmo tempo, uma opção urbanística funcional, econômica, ética e ideologicamente sobre a sua função social (SERPA, 2007).

Olmsted definiu o parque urbano com as seguintes palavras:

"lugares com amplitude e espaço suficientes e com todas as qualidades necessárias que justifiquem a aplicação a eles daquilo que pode ser encontrado na palavra cenário ou na palavra paisagem, no seu sentido mais antigo e radical, naquilo que os aproxima muito de cenário." (2002)

Ainda segundo SERPA (2007), a palavra "parque" passa por uma transformação no século XX, devendo ser aplicada não apenas para designar todo o tipo de área verde, mas aquelas que teriam a função de lazer, convívio comunitário, além da estética e da ecológica.

Posteriormente, ocorreram nos Estados Unidos um movimento chamado "*Park Movement*" que consistia num conjunto de ações pela conservação e/ ou preservação das áreas naturais. Dessa forma, a questão das áreas verdes passou a ser fator importante no planejamento das cidades. Assim, foi estabelecida a primeira reserva natural do mundo, o *Yellowstone National Park*, em Wyoming/EUA. (DIEGUES, 1996).

Esse movimento, como afirma Diegues, deu-se pela influência dos naturalistas que promoveram a idéia de que a vida no campo é mais saudável que a vida nas cidades, ressaltando os efeitos negativos da industrialização, bem como

dos graves processos de exploração da natureza, exercidos pela agricultura e pela pecuária em expansão nos Estados Unidos.

Deste modo, a função estética do mundo natural passou a ser gradativamente incorporada na concepção humana de apreciação do verde, sendo possível até sentir prazer com isso, algo que dignifica as paisagens. Complementando, Luchiari (2002) acrescenta:

“A concepção de Meio ambiente se configurou uma ferramenta política, econômica, indutora de um movimento de revalorização estética das paisagens naturais, fortalecendo o movimento de estetização no consumo de paisagens”.

Devido a esta nova concepção, as matas deixaram de ser consideradas simplesmente ambientes hostis, e tornou-se até temática importante para a arte plástica, literária e etc.

Nos dias de hoje, o ser humano em geral tende a valorizar cada vez mais as áreas verdes, pois estas estão em processo de extinção. Vale ressaltar que as florestas e os biomas já foram destruídos pelo homem quase em sua totalidade. O que outrora era visto pela ciência apenas como um fenômeno a ser estudado, passou a ser a enfraquecer pelo próprio homem a dicotomia dele com a natureza devido aos aspectos de conservação e contemplação.

2.4 Peru: A formação das cidades e a natureza

A perspectiva peruana é parecida com a da maioria das cidades hispano-americanas. No começo, ocorreu uma forte centralização social centro-periferia, ou seja, uma estrutura sócio-espacial circular, no período colonial. Em cidades pequenas e médias até hoje este modelo é preservado. (BÄHR & BORSDORF, 2005)

Segundo Bähr e Borsdorf, nas primeiras décadas do século XIX, a maioria das colônias espanholas do Novo Mundo conquistaram a sua independência.

“A mudança política e econômica causou certo retrocesso na estruturação do organismo urbano ante tudo aquilo que era relativo à estrutura social e econômica. Aos muitos novos

Estados foram chegando imigrantes europeus (...). Da Europa vinham (com eles) as modas urbanísticas, como o ‘boulevard’ francês.” (2005)

O primeiro passo à reestruturação espacial da época foi a diferenciação setorial orientada por estruturas lineares. Neste modelo, o que ficou evidente foi a centralização da classe alta, onde se estabeleceu o *boulevard* principal. As primeiras zonas industriais estabeleceram-se ao entorno da linha férrea que conectavam umas cidades às demais.

No entanto, até 1920 a indústria não era tão desenvolvida, dado que as economias locais ainda permaneciam ancoradas a exportação de matéria-prima.

Assim, estas cidades desenvolveram-se economicamente graças a II Guerra Mundial, onde os países latinos passaram a fornecer muitos suprimentos ao resto do mundo. Por esta razão, as classes altas se enriqueceram e neste período começaram a surgir os primeiros clubes de campo – instalando um estilo de vida campestre dentro do caos urbano, idéia que emergiu nos Estados Unidos.

Este fenômeno urbano possibilitou a inserção de novos paradigmas que permeiam a maioria das cidades. Surgiram bairros de classe alta, afastados do centro, bem como a zona periférica inchou com os casebres de baixo custo ou até mesmo com barracos. Em outras palavras, este desenvolvimento foi celular. (BÄHR & BORSDORF, 2005)

A partir dos anos 90, cresceram os números de condomínio fechados. Estes passaram a ser requisitados por vários motivos, dentre eles, a segurança. Os condomínios por sua vez enfatizam o slogan “viver cercado de lindas paisagens”, configurando que o acesso a áreas verdes limitava-se aos cidadãos de classe alta, tanto para lazer, como apreciação.

2. Capítulo 2 – Conhecendo a cidade estudada: Huánuco, Peru.

A província de Huánuco situa-se no departamento (estado) de Huánuco, sendo também a capital deste. Localizado nos *cerros* (serras andinas) está a quase 2000m acima do nível do mar, entre a Cordilheira Ocidental e o Rio Ucayali.

O departamento de Huánuco é composto por onze cidades. A província huanaqueña é delimitada ao norte pela província de *Leôncio Prado* e de *Dos de Mayo*, a leste com a província de *Pachitea* e ao sul com a província de *Ambo*. A província com a cidade de *Lauricocha* e *Yarowilca*.

A superfície total da província huanaqueña é de 4.023 km², sua população total é de 270.233 habitantes (1999), assim sua densidade demográfica é a de 67,17 hab/km².

Segundo dados obtidos pelo PNUD no Peru, a cidade de Huánuco possui 254.133 habitantes (2005), quase 15% da população é analfabeta e a média geral de renda per cápita é de R\$ 138,00.

No que diz respeito à história desse lugar, a princípio, pôde-se observar algumas semelhanças com outras cidades hispano-americanas. A fim de se compreender um pouco mais sobre o processo histórico local e os seus reflexos nos dias de hoje, vale resgatar um pouco da memória local, falando de um dos povos mais antigos conhecidos pelo homem que outrora viveu por lá, antes mesmo dos Incas existirem. Eles são chamados *Kotosh*.

De acordo com o site oficial de Huánuco e a visita de campo, foi descoberto que os Kotosh viveram há 4000 anos e era uma sociedade bem estruturada. Arqueólogos japoneses descobriram, em meados da década de 50, a área exata onde eles viviam – muito próximos a zona urbana de hoje. Eles se estabeleceram no entorno do rio Higuera (um afluente do Huallaga), onde as condições naturais eram muito favoráveis à vida humana.

Desde o momento da descoberta, os peruanos se empenharam para conservar o lugar e a estudá-lo. Sabe-se que os Kotosh eram muito religiosos e construíram diversos templos no seu território, inclusive foram encontradas escritas rupestres em rochas que se localizam no alto da montanha.

Vale ressaltar que o principal templo é chamado de *Manos Cruzadas* e, se constitui um mistério para tamanha complexidade de construção para a época. Ele possui forma retangular, mede 9,5 x 9,3m. Os muros que o cercaram tinham mais de 4m. A cor interna era de um barro branco/ creme.

Já o piso era dividido em dois níveis, sendo que em um se localizava um fogareiro central no nível inferior e, até mesmo, foi descoberto também um condutor de ventilação (que ia até a área externa do templo) para alimentá-lo.

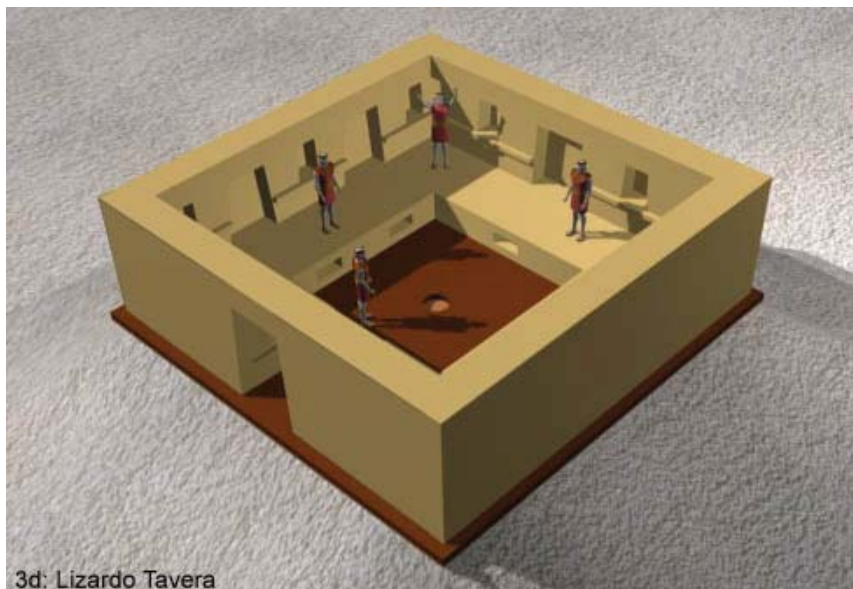
As janelas trapezoidais ficavam em frente a porta de entrada e, entre estas se localiza uma escultura que dá nome ao lugar – *Manos Cruzadas* – e é composta por dois braços que se cruzam em forma de “X”. Suspeita-se que esta escultura estava arraigada aos rituais religiosos, e o braço que se parece com o feminino estava abaixo do outro braço que se assemelha a um masculino.

Supõe-se que ainda existam muito outros vestígios deste povo soterrados que não foram descobertos, nem estudados.

Abaixo, algumas imagens:



Figura 3: Placa indicativa no sítio arqueológico de Kotosh



3d: Lizardo Tavera

Figura 4: Representação computadorizada revela como era interior do Templo maior



Foto: Lizardo Tavera

Figura 5: Templo maior hoje



Figura 6: "Manos cruzadas" – Localizava-se no centro do Templo Maior



Figura 7: Ruínas da cidade Kotosh

3.1 A partir do século XV

Sabe-se que a sociedade peruana é constituída de uma mescla entre europeus e indígenas, especialmente o índio *quéchua*. O país foi colonizado pelos espanhóis no final do século XV. De forma semelhante a outras cidades latinas, o Peru foi explorado até o século XIX.

Segundo Claudio (2007), acerca da Província de Huánuco, somente em 1812 líderes campesinos e “*criollos*” urbanos ergueram a bandeira de protesto, reivindicando mudanças sociais e políticas. Foi uma batalha entre índios e brancos, que se deu a “*sangre y fuego*”, ou seja, com o uso de muita violência física e de armamento.

O autor ainda aponta que esta sociedade regional sobrepunha as relações étnicas às de classe. Um de seus princípios básicos de funcionamento foi a separação explícita de índios e brancos por grupos praticamente fechados. Não obstante, ainda havia a rivalidade de brancos da capital, com os de cidades secundárias.

Por conseguinte, o poder político passou a ser “patrimônio”, correspondendo a uma mercantilização de um conjunto social e regional. Portanto, o resultado desta ação foi uma fragmentação dos interesses sociais, excluindo os interesses comunitários.

Porém esta herança colonial começou a mudar em meados do século XX, quando os campesinos ganharam força e acionaram o Estado e as suas políticas reformistas.

A luta pela independência local partiu de uma cidade chamada Humalies. Esta localidade se tornou um território de conflitos sociais graves, em que grupos indígenas armados guerrearam com a população local a fim de garantir o seu espaço territorial, mas também para destruir a elite colonial. Aos índios juntaram-se muitos campesinos que rumaram para a cidade de Huanuco com o intuito de lutar pelos direitos de justiça, liberdade e igualdade, e também, difundir o mito e as ideias incas. (CLAUDIO, 2007)

Surge então uma forma de governo denominada *Gamonalismo*. De acordo com Claudio, pouco se sabe sobre este assunto, mas o que veio à tona é que este governo se estabeleceu no pós-guerra de independência, na região central do Peru.

Ademais, esta era uma forma de governo que continha um quadro de políticos muito peculiar, dentre eles líderes locais, capitães da província, descendentes espanhóis e etc. Conta-se que era um governo violento, com o objetivo de garantir as riquezas e elevar o status e o poder perante a sociedade.

O século XIX ainda se caracteriza pela expansão da agricultura e pela exploração crescente de coca e aguardente. Cresceu também o número de pequenos comerciantes.

O que se observa até hoje é que os descendentes indígenas e povos criolos ocupam essa região de forma bem expressiva, onde possuem fortes laços sociopolíticos e identidade territorial. As ideias difundidas por estes povos desde aquela época eram a de criar uma concepção de corpo dentro da nação, de serem eles os construtores de uma nova república, uma pátria livre e fraterna.

Já no século XX, a região caminhou para uma autossuficiência econômica, que fora consolidada entre 1960 a 2000, impulsionada pela economia campesina de coca e pela intervenção do Estado.

Entretanto, o cenário de violência se reacendeu na década de 80 com o surgimento do *Sendero Luminoso*. Huanuco então se tornou novamente um território de sangrentas e cotidianas batalhas entre os *cocaleros* e não *cocaleros*, isto é, entre o Sendero Luminoso e as Forças Armadas.

3.1.1 Sendero Luminoso

De acordo com Degregori (1988), o Sendero Luminoso surgiu a princípio por um grupo de jovens que pretendiam boicotar o processo eleitoral na cidade de Ayacucho em 1980. O boicote repercutiu e desde então eles passaram a pregar uma “guerra popular”, ao custo de muita violência.

Ainda segundo o autor, o que motivou o fortalecimento do SL (Sendero Luminoso) foi a revolta campesina face à opressão de grandes propriedades e fazendas. A luta também foi pelo campesino “livre” de zonas periféricas, à margem da sociedade.

Com o tempo, este grupo armado e violento passou a crescer. Cometeram assaltos a delegacias, e eram vistos com temor pelos campesinos e à mídia no geral eram terroristas, o que amedrontava ainda mais a população. Esse grupo teve uma

expansão que se deu dentro do aspecto autoritário da cultura andina e, assim, eles apareceram nas comunidades como benfeitores a princípio, para depois impor um novo sistema de regras.

Estabelecidos então num lugar, passavam a garantir a justiça àquele povo, prendendo ladrões locais, ou aqueles que prejudicavam os mais pobres. Mais tarde, feriam-nos e por fim os assassinavam, para assegurar a simpatia e o temor do povo local, estrategicamente para controlá-los.

No entanto, esta hegemonia *sedenterista* até conseguiu submeter muitas pessoas, mas os planos enfraqueceram quando o Exército Peruano conseguiu desarticulá-los pela força econômica e pela maior capacidade repressiva.

Portanto, conclui-se que o Sendero Luminoso conseguiu se estabelecer por quase uma década, por apoiar à camada mais pobre da sociedade, inserindo-se nas brechas sociais e econômicas. A forma de atuação repressiva e violenta deixou marcas profundas no povo sofrido da região serrana do Peru. Ainda hoje há pessoas que vivem assustadas e cautelosas, com medo do que viram ou ouviram sobre este período.

3.2 Comunidades: Futura Generación e Leoncio Prado

Estas duas comunidades serão os locais de estudo deste trabalho. Elas se localizam nas encostas das serras, na periferia de Huánuco e se assemelham com as favelas, no que diz respeito ao local de construção das moradias.

De acordo com uns depoimentos locais, estas comunidades possuem um pouco mais de 15 ou 20 anos. As casas são feitas de um tijolo de barro e muitas delas não possuem sequer proteção nas janelas e nem tem portas. Há de se enfatizar que elas são compostas por pessoas consideradas abaixo do nível de miséria considerado pela ONU – PNUD estima-se que esses cidadãos ganhem abaixo da média geral da cidade de Huánuco que é de R\$ 138,00 por mês. E muitas pessoas que são das comunidades de estudo garantem ganhar menos do que isso.

O que se sabe em geral, é que eles são em sua maioria mestiços ou descendentes indígenas. Como também, é que são trabalhadores temporários em sua maioria, devido à falta de escolarização. Depoimentos colhidos em campo indicaram que essa população vive de fazer “bicos” (pedreiros, faxineira, lavadeiras,

etc), para garantir-lhes o alimento que será consumido no dia, sem saber se no dia seguinte terão o que comer.

Os problemas que envolvem estas duas comunidades vão além das questões de moradia e escolaridade, eles também não possuem energia elétrica e poucos possuem acesso à água encanada. A solução encontrada por eles é a de se cavar um buraco externo a casa para utilizar como sanitário. Conforme a foto abaixo:



Figura 8: latrina sanitária externa a uma casa em Huánuco

No que diz respeito às questões ambientais, eles pouco tem noção de conservação, e nenhuma de reciclagem ou tratamento de resíduos. O que foi descoberto é que na cidade não há aterro sanitário, nem outro lugar onde a prefeitura possa despejar o lixo, que por sua vez é totalmente despejado no rio que banha a cidade.

Já nas comunidades estudadas não existe nenhuma oferta para a coleta de lixo que a prefeitura realiza no restante da cidade. Dessa forma eles optam por duas alternativas, ora queimam o lixo, ora jogam num grande canal chamado *huayco*.

Este *huayco* corta uma das comunidades estudadas, a de Leoncio Prado. À beira dele se encontra uma quadra onde as crianças e adolescentes tem a sua única opção de lazer, e também, um local anteriormente chamado de “comedouro” (refeitório público), mas que hoje funciona como um lugar de recreação às crianças da comunidade feita por igrejas locais.

3.2.1 Características físicas do lugar

O Ministério da Agricultura Peruana caracteriza o clima local como temperado, árido e com amplitude térmica moderada. Inclusive o slogan da cidade é “*La ciudad con el mejor clima del mundo*”, ou seja, a cidade com o melhor clima do mundo.

As chuvas ocorrem com maior frequência durante o verão e especialmente, nas comunidades estudadas os ventos são fortes a qualquer instante.

Ainda de acordo com o Ministério da Agricultura, o solo onde se encontram as comunidades estudadas é chamado de “litosoles”, isto é, os litossolos (conhecidos como “esqueléticos”), que são os solos superficiais sobre as rochas, são pouco evoluídos, e a eles estão incorporados outros fragmentos rochosos. Estes possuem baixo teor orgânico sendo o horizonte A1 não húmico e considerado um solo pouco fértil.

Nas partes baixas das encostas se encontram os solos arenosos e áridos com excesso de cálcio no subsolo. Nos horizontes medianos estão os solos ricos em argila e cal. Estes tipos de solo se encontram numa região chamada de *Litosólica*, composta de vertentes íngremes nas Cordilheiras dos Andes entre os 1000 m a 5000 m acima do nível do mar.

3. Capítulo 3 - Áreas verdes

É de conhecimento de toda a academia que o tema “áreas verdes urbanas” tem sido constantemente estudado e discutido em épocas de grande ênfase à questão ambiental, uma vez que estas áreas amenizam os impactos provocados pelas cidades ao meio físico e a qualidade de vida. Partindo desta temática, há diversos trabalhos que analisam a regulação da temperatura, áreas verdes como espaço comunitário e etc.

Uma das dificuldades encontradas para se estabelecer um planejamento urbano-ambiental viável é a infinidade de conceitos e definições que o termo “verde urbano” possui.

Por isso, neste capítulo serão tratadas algumas terminologias relevantes para a compreensão daquilo que entendemos por áreas verdes.

a) Espaço Livre: este é um conceito mais abrangente, que integra os demais espaços e exclui o espaço construído, e aquele se encontra dentro das áreas urbanas. Um parque municipal dentro de um centro urbano seria um exemplo. Conforme BUCCHERI FILHO e NUCCI (2006), as áreas verdes são espaços livres, porém para sê-los tem de possuir vegetação, caso contrário é um espaço livre, mas não área verde.

b) Parque urbano: Segundo MORERO (2006), este termo já representa áreas verdes que tem como função o lazer, o ecológico e a estética, desde que seja em uma extensão maior que uma praça. O parque urbano pode abrigar centros comunitários, campos de esportes, centros educativos, jardins botânicos, lagos, trilhas e etc. Os parques urbanos costumam apresentar algum elemento natural, como lagos, formações rochosas e, o seus limites são as vias urbanas.

c) Praça: Qualquer espaço público urbano livre de edificações, cuja função principal é o lazer. No entanto, uma praça não pode ser considerada sempre como área verde, como por exemplo, a Praça da Sé em São Paulo. No Brasil, este é o tipo mais comum de espaço público urbano. Somente é considerado área verde se este

espaço possui mais de 70% de área sem impermeabilização e porte arbóreo. (NUCCI, 2006).

d) Arborização Urbana: corresponde a toda cobertura vegetal de porte arbóreo existente numa cidade, em forma de agrupamento arbóreo. Entretanto, LIMA (2004) não considera a arborização urbana como área verde.

e) Área livre / Área aberta: MORERO (2006) conclui que estes termos devem ser evitados por serem imprecisos e genéricos – em geral, áreas não impermeabilizadas e abertas.

f) Área verde: de forma sucinta, são as áreas de predomínio de vegetação arbórea, que inclui as praças, os jardins públicos, os parques urbanos e, até, os canteiros centrais de avenidas e os trevos de rotatórias que possuem função estética e ecológica. No entanto, excluem-se as árvores que permeiam vias onde o solo está impermeabilizado.

As áreas verdes satisfazem três metas primordiais que são o fator ecológico-ambiental, estético e de lazer. Assim como citado nas praças, é necessário que haja 70% de terreno não impermeabilizado para que seja considerada área verde. (MORERO, 2006)

De forma geral, pode-se considerar área verde como qualquer área do meio urbano ou rural, de propriedade pública ou privada, desde que apresentem algum tipo de vegetação com dimensões vertical e horizontal significativas e que sejam utilizadas com objetivos sociais, científicos ou culturais. (NUCCI e CAVALHEIROS 1996)

KOWALTOWSKI (1989) apud MORERO (2006) classifica as áreas verdes em:

I – Zonas verdes públicas: parquinhos, parques de vizinhança, praças, parques urbanos, zoológicos, áreas de lazer e esportes de instituições públicas, como de creches, escolas, hospitais e etc.

II – Áreas verdes sem acesso público: reservas ecológicas particulares, mananciais.

IV – Áreas verdes particulares sem acesso público: jardins e quintais particulares.

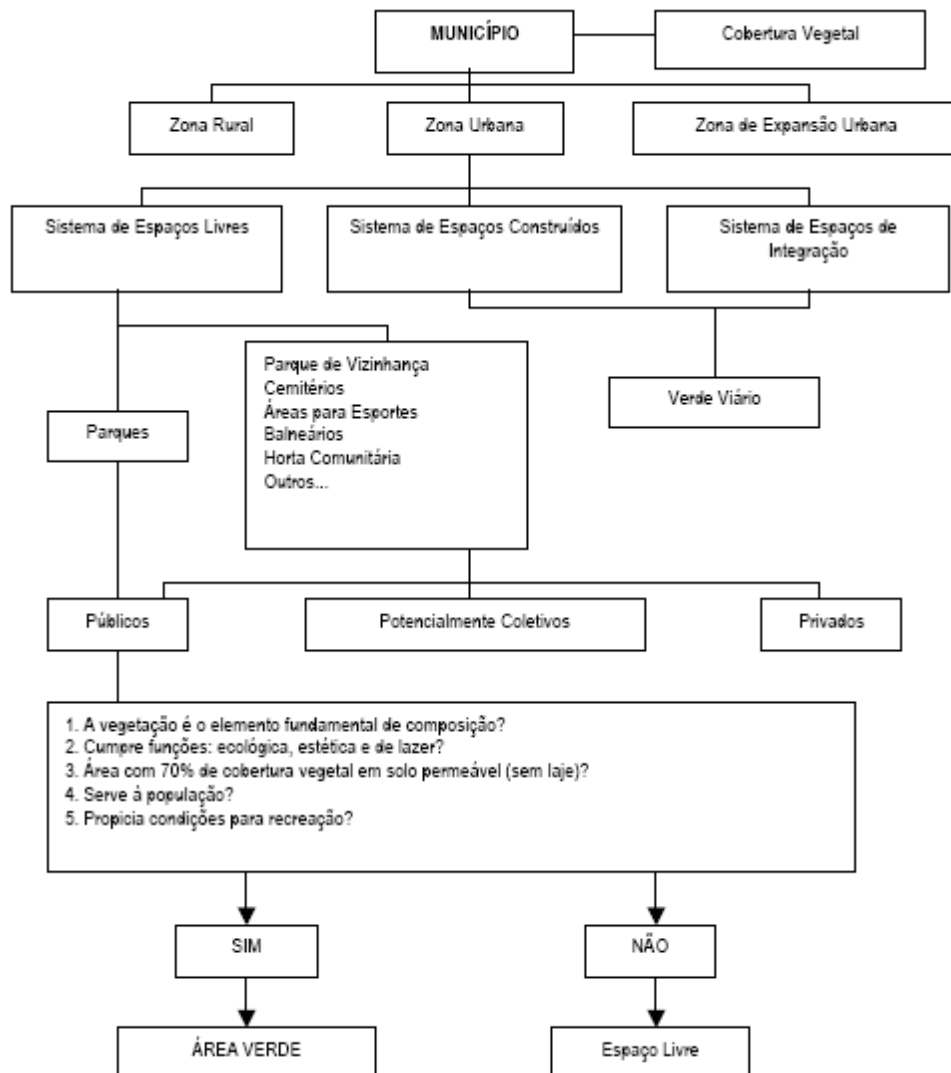


Figura 9: Organograma de representação, organização e classificação do verde urbano. Fonte: Com base em CAVALHEIROS *et al.* 1999 (Organização: João Carlos Nucci, 2004). Extraído de BUCCHERI FILHO E NUCCI (2006).

4. Capítulo 4 – As funções das áreas verdes

Para este trabalho, será considerada a conceituação do tema feita por Nucci e Cavalheiros (1996), conforme apresentada no capítulo anterior. No entanto, será necessária a fundamentação da questão das paisagens com relação às funções estéticas e de conforto.

Numa tentativa de padronização dos conceitos que serão abordados feitos por Nucci e Cavalheiros (1996), sugere-se as definições dos conceitos a seguir:

A) Sistema de espaços com construções: áreas de construção das habitações, indústrias e comércios;

B) Sistemas de espaços livres de construção: praças, parques, águas superficiais, definidos como espaço urbano ao ar livre, destinado a toda utilização recreativa, descanso, lazer, esportes, passeios e etc.

C) Sistemas de espaços de integração urbana: áreas ligadas à rede viária, que são os canteiros, os jardins de ornamentação de rotatórias e arborização.

As áreas verdes também podem ser compreendidas de acordo com a sua função, seja na intenção de uso ou estudo. Assim, numa intenção de se mapear áreas que não possuam impermeabilização, um campo de futebol poderia ser uma área verde, nesse ponto de vista. Se a mesma for observada por um paisagista, sua função poderá ser estética. (NUCCI, 1996).

Neste estudo partiremos da função estética e de conforto como uma das justificativas plausíveis para a implantação de áreas verdes nas comunidades estudadas, embora estas também demandem as áreas verdes com diversas outras funções, como ecológica, por exemplo.

A seguir, um organograma que sintetiza as funções das áreas verdes:



Figura 10: Organograma das funções das áreas verdes

5.1 - Diversidade de funções

É de conhecimento geral que a implantação de áreas verdes seja benéfica às cidades e às pessoas por diversos motivos. Dentre os quais, podemos elencar algumas das funções exercidas:

a) *Função ecológica*: neste caso, a área verde funciona como um regulador natural, pois ao trazer a cobertura vegetal, a temperatura se torna mais equilibrada, trazendo um clima mais ameno às pessoas. Como também, este pode servir de refugio da fauna e flora, há um melhoramento no índice pluviométrico, atenuação sonora, manutenção da qualidade do ar e água. (OLIVEIRA, 1996). No caso das comunidades estudadas, também seria importante para a contenção do huayco e o avanço da destruição do mesmo.

LOBODA e DE ANGELIS (2005), defendem que as áreas verdes urbanas melhoram o meio ambiente, as contribuições ecológicas ocorrem na medida em que os elementos naturais compõem o espaço e minimizam os impactos decorrentes da industrialização e da urbanização.

b) Função social: Ainda segundo LOBODA e DE ANGELIS, essa função está diretamente relacionada ao uso feito pela população. Essa função é evidente em parques urbanos em que haja brinquedos para as crianças, espaço para a prática de exercícios físicos e para manifestações artísticas, onde as famílias podem frequentar sempre que quiserem.

c) Função educativa: está relacionada com a possibilidade imensa que essas áreas tem como ambiente propiciador de educação, através do desenvolvimento de atividades extraclasse e de programas de educação ambiental. (LIMA *et al*, 2000).

No contexto peruano não foi possível observar se o sistema educacional costuma aderir à educação a ideia de se ter atividades externas de educação ambiental. Porém, o que foi visto é que um dos projetos voluntários que ali atuam tentava desenvolver atividades deste tipo com as crianças e com os adolescentes das comunidades estudadas.

Dali então é que surgiram os primeiros pedidos pelos próprios moradores de se implantar uma área verde dentro da comunidade.

De acordo com os princípios gerais da educação ambiental, a sensibilização proporcionada pelo contato com a natureza é o primeiro passo para que ocorra a conscientização e a noção de pertencimento de um sistema, tendo o Homem um papel ativo para a transformação da natureza. As áreas verdes são utilizadas para a educação ambiental, pois o contato com o meio é um grande campo para desenvolvimento da compreensão, sensibilização para a integração entre homem e a natureza. O contato com a vegetação proporciona vivências que funcionam como complementos capazes de alterar estados físicos e psicológicos, não só porque oferecem uma gama imensa de estímulos multissensoriais, mas também porque propiciam uma experiencição imediata que envolve meio ambiente e pessoas, isto é um processo de socialização que leva ao reencontro das sensibilidades da natureza (GUIMARÃES, 2004).

A partir de então se pensou em formas de se construir esta área verde e os benefícios que seriam trazidos deste trabalho.

d) *Função estética*: Conforme LOBODA e DE ANGELIS(2005) pode ser entendida como:

“A quebra da monotonia da paisagem das cidades, causada pelos grandes complexos de edificações; valorização visual e ornamental do espaço urbano; caracterização e sinalização de espaços, constituindo-se em um elemento de interação entre as atividades humanas e o meio ambiente.” (2005, p.135)

A função estética está pautada, principalmente, no papel de integração entre os espaços construídos e os destinados à circulação.

As áreas verdes podem ser instrumentos de embelezamento das cidades, assim a paisagem urbana melhora de aspecto e, no caso das comunidades estudadas, cabe enfatizar o que nos diz QUEIROGA apud GERALDO (2008), *“Uma paisagem mais arborizada cria a sensação de uma cidade menos árida, menos caótica. Uma paisagem mais amena”*.

A função estética está para a composição paisagista através das cores e formas das plantas, dos jardins arborizados, formas e figuras nas podas e etc. Essa função torna-se mais evidente ao verificar que bairros e casas de alto padrão costumam trabalhar mais essa questão e, por isso, investem em projetos paisagísticos. Consequentemente o bairro e/ou as casas assim são valorizadas economicamente e almejadas pela sociedade.

Logo, há muitos outros benefícios trazidos com a proximidade do ser humano com a natureza, tanto para a sua saúde física e quanto para a mental. Tópicos estes que serão abordados com maior profundidade no próximo capítulo.

Melhoria da estética urbana:

- transmite bem estar psicológico, em calçadas e passeios;
- quebra da monotonia da paisagem das cidades, causada pelos grandes complexos de edificações;
- valorização visual e ornamental do espaço urbano;

- caracterização e sinalização de espaços, constituindo-se em um elemento de interação entre as atividades humanas e o meio ambiente.

Apesar das inúmeras e inegáveis funções das áreas verdes, é sabido que a sua oferta é muito incipiente em relação à procura. Tal fato ocorre em função de como são tratadas as instâncias públicas em nosso país. É flagrante a carência de recursos para que o poder público possa considerar as áreas verdes no planejamento geral da urbe.

As áreas verdes vistas como espaço geográfico impõem um desafio que é o de captá-las enquanto fatos dinâmicos, por onde perpassam não somente a individualidade de seus transeuntes e usuários, mas, sobretudo, o cotidiano da coletividade. É pertinente entendê-las na dimensão tempo-espaço, em que a associação de ambos nos possibilita a compreensão da sociedade que lhe dá forma - estrutura e processo. (LOBODA e DE ANGELIS, 2005)

5.2 – As áreas verdes e o conforto

A sensação de conforto sentida pelo ser humano evoca o prazer em vários sentidos, como através de fatores psicológicos, físicos e fisiológicos.

Os fatores físicos estão relacionados às trocas de calor do homem com o meio ambiente, ao passo que o fisiológico consiste no equilíbrio que o corpo humano busca para se sentir bem neste meio. Portanto, os estímulos sensoriais adquiridos pela experiência de contato se relacionam aos fatores psicológicos que o indivíduo pode ter. (RUAS, 2002)

O conforto que aqui descrevemos é o térmico. E assim, este se encontra diretamente ligado à questão do clima regional, por meio de diversos elementos ponderadores, como a temperatura do ar, sensação térmica, radiação solar, umidade relativa e os efeitos do vento.

Por sua vez, estes elementos se interagem entre si propiciando fatores físicos no indivíduo, como a radiação, convecção, condução e evaporação.

A utilização de áreas verdes pode estar sob as condições das temperaturas do ar e das superfícies, umidade e ventos para que o indivíduo seja encorajado a usufruir delas. No entanto, obter o controle dessas variáveis pode ser atingido

através de elementos sombreadores, materiais e cores de superfícies, um planejamento de circulação de ventos nas áreas descobertas e etc. (GIVONI, 2003)

Por isso quanto mais confortável os indivíduos se sentirem naquele espaço em relação às variáveis climáticas, mais eles terão o desejo de estar ali, utilizar o espaço, e, conseqüentemente, de interagir com outras pessoas, praticar exercícios, ter momentos de lazer e apreciar a natureza.

KATZSCHNER (2005) afirma que tudo depende também das atividades planejadas nas áreas livres e verdes, que estejam de acordo com a expectativa dos usuários para estes espaços, integrando o conceito das condições térmicas mencionadas em parágrafos anteriores.

Com relação às variáveis térmicas, RAJA e VIRK (2001) sugerem as seguintes estratégias para um melhor condicionamento ambiental:

- Sol/ sombra: controle da radiação solar direta nos espaços públicos abertos;
- Controle da radiação refletiva sobre as superfícies;
- Fluxo de vento e controle para minimizar o desconforto causado por ele;
- Evaporação/ humidificação, árvores e lagos/ rios podem deixar o ambiente mais úmido, logo mais agradável.

5.3 Áreas Verdes de Huánuco

Em muitos países latino-americanos há o costume de se implantar nas cidades sempre uma praça principal, cujo nome seja "*Plaza de Armas*". O caso de Peru, mais especificamente de Huánuco não seria diferente. A principal praça da cidade se chama *Plaza de Armas*.

Segundo o site oficial da cidade, esta praça foi inaugurada em 1880, além disso, ela possui uma grande fonte de granito feita por um escultor italiano chamado Pedro Caretti, feita em 1845.

Abaixo o mapa de praças da cidade e algumas imagens da Plaza de Armas:

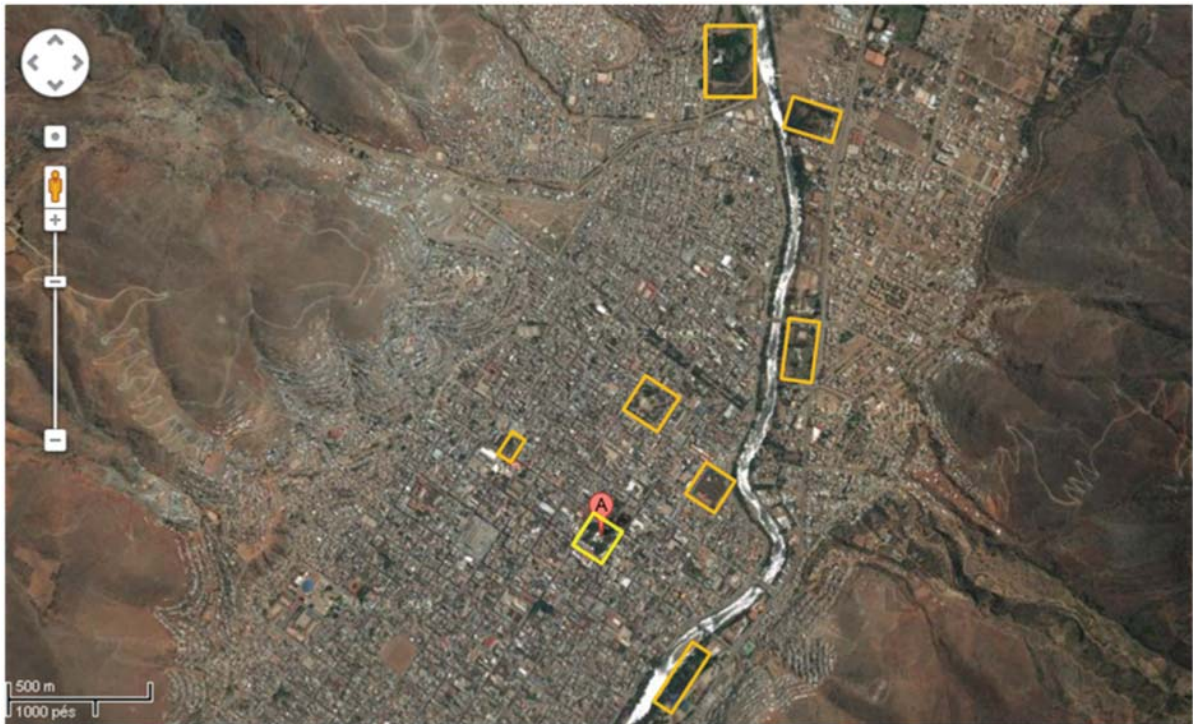


Figura 11: Foto de satélite da cidade de Huánuco. Em laranja, as praças da cidade. Em amarelo, a Plaza de Armas. Fonte Google maps. Extraído em 15/09/2012



Figura 12: Vista parcial da *Plaza de Armas*



Figura 13: Vista parcial da *Plaza de Armas*, em destaque a fonte da praça.



Figura 14: Vista parcial da *Plaza de Armas*.

Existe na cidade um bairro que é considerado um distrito ecológico, chamado *Amarilis*. As praças aqui são chamadas de parques e todas possuem o mesmo nome, o que as diferencia é a sequência daquelas, por exemplo “*Primer (1º) Parque de Paucarbambilla*, *Segun (2º) Parque de Paucarbambilla*” e assim por diante.

Abaixo, podem-se observar alguns deles:



Figura 15: Jardim da praça defronte à Igreja San Sebastian na divisa da distrito Amarilis



Figura 16: Jardim do Parque Linear à margem do rio Huallanga na entrada do distrito Amarilis



Figura 17: Primer Parque de Paucarbambilla, no distrito de Amarilis.

Outra área verde que embeleza a cidade é o parque linear feito às margens do Rio Huallaga que cruza a cidade de ponta a ponta. Embora este rio seja o depósito de lixo – como foi mencionado nos capítulos anteriores -, existe uma arborização que é bem cuidada ao longo do rio. Abaixo, está o mapa do parque linear e os parques do distrito ecológico de Amarilis, como também algumas fotos do parque linear.



Figura18: Foto de satélite de Huánuco. Em verde – o Parque Linear; Em vermelho – Algumas das praças do distrito Amarilis; Em azul – o estádio municipal do time León de Huánuco. Fonte Google Earth. Extraído em 15/09/2012.



Figura 19: Imagem parcial do Parque Linear no distrito Amarilis, em Huánuco.



Figura 20: Vista parcial de um dos parques de Paucarbambilla, no distrito Amarilis em Huánuco.

5. Capítulo 5 – Paisagens Huanuqueñas

As áreas aqui enfatizadas encontram-se nas comunidades de Leoncio Prado e Futura Generación, em Huánuco (Peru). Como já foi abordado anteriormente, essas comunidades possuem uma grande demanda por áreas verdes, inclusive este foi um pedido dos próprios moradores aos visitantes brasileiros que estavam por lá.

Veremos pelas imagens a seguir qual a situação atual e como é a paisagem:



Figura 21: Vista parcial de uma Rua na comunidade de Leoncio Prado em Huánuco.



Figura 22: Vista parcial da área de recreação próximo ao *huayco* na comunidade de Leoncio Prado em Huánuco.



Figura 23: Comunidade de Leoncio Prado, Huánuco



Figura 24: Vista parcial da Comunidade de Futura Generación, Huánuco.



Figura 25: Vista parcial de uma rua na comunidade de Leoncio Prado.



Figura 26: Vista parcial da comunidade de *Futura Generación*.



Figura 27: Vista parcial da comunidade de *Futura Generación*.



Figura 28: Vista parcial da área de recreação na comunidade de Leoncio Prado



Figura 29: Vista parcial de uma rua em Leoncio Prado.



Figura 30: Vista parcial da área de recreação da comunidade de Leoncio Prado



Figura 31: Área de recreação em Leoncio Prado, ao fundo o Comedor Público



Figura 32: Área de recreação em Leoncio Prado.



Figura 33: Quadra esportiva da área de recreação em Leoncio Prado.



Figura 34: Vista parcial de Futura Generación.



Figura 35: Vista parcial de um huayco em Leoncio Prado.

Embora uma parte da cidade de Huánuco tenha áreas verdes, como parques e praças, grande parte da cidade ainda não possui áreas verdes que atuem como opção de lazer, de educação e como ferramenta ecológica. Este é o caso das comunidades de Leoncio Prado e Futura Generación.

Pode-se observar pelas imagens que a paisagem local é árida, de pouca vegetação, lixo, solo arenoso com a presença de fragmentos rochosos. Vale ressaltar também, a única quadra que existe entre as duas comunidades e é precária, além da construção esverdeada ao lado da quadra, que é o antigo “comedouro” – antigo refeitório, hoje concentra atividades lúdicas feitas por igrejas locais com as crianças.

Ao lado esquerdo deste comedouro fica uma pequena área de chão batido, onde as crianças costumam brincar e onde parte da comunidade passa para ir às suas residências. Atrás dessa área se localiza o canal do *huayco*, repleto de lixo, já que a prefeitura não oferece coleta seletiva a esta população. Nos finais de tarde, todos os dias, ocorre um intenso vendaval que levanta a poeira e se condensa em forma de nuvem.

O único entretenimento das crianças menores são uns brinquedos de metal enferrujado, mas que foram reformados pelos voluntários brasileiros, e também as atividades recreativas de voluntários.

Já a comunidade de Futura Generación, as ruas são os andares nas rochas. Para se chegar a algum lugar é necessário saber em qual andar fica a casa. Como toda a comunidade se estabelece nas rochas, não nenhum espaço sequer onde as crianças, ou toda a comunidade possa se reunir. O vento que ali existe é fortíssimo, o que prejudica inclusive a comunicação com as pessoas devido ao barulho que ele faz.

Em geral, a reclamação daquela população é a de que o sol escaldante, o vento, a falta de lazer, de espaços onde se possa apreciar algo belo, trazem-lhes tremendo incômodo. Muitas pessoas nem sequer vão até a área comum de Leoncio Prado e em Futura Generación, as pessoas vão às casas umas das outras, mas isso só é possível durante o dia, já que não há energia elétrica.

Não obstante, o risco de contaminação e proliferação de doenças é iminente, já que no chão há cacos de vidro e outras substâncias perigosas, e, ainda, há o perigo do lixo no *huayco*, a proliferação de animais venenosos, além da falta de saneamento básico às famílias.

Entretanto, um ponto que chamou bastante a atenção é que entre as necessidades e os problemas que são extensos naquele lugar, está a necessidade de ter um espaço onde as pessoas possam desfrutar e apreciar o belo, já que a paisagem local é degradada.

Para muitas pessoas esta é uma necessidade recorrente, para outras é inconsciente, ou seja, eles sabem que precisam de áreas verdes e floridas não somente para o equilíbrio ecológico e térmico, mas pela carência de ver algo bonito na vida, um refúgio, um local de descanso em meio a tantos problemas e deficiências que assolam aquelas pessoas que vivem à margem da sociedade.

6. Considerações finais

A partir das reflexões trazidas à tona neste trabalho, podemos tecer algumas considerações finais:

- a) As contribuições advindas do levantamento bibliográfico nos permitiram aprofundar quais são as questões pertinentes às áreas verdes, sua importância e a variedade de funções;
- b) Pode-se empreender que a relação do homem com a natureza mudou diversas vezes ao longo da história, passando a enrijecer cada vez mais a ideia de que somos separados dela.
- c) Os momentos históricos pelos quais o povo peruano passou, refletem no comportamento e na cultura atual. As lutas sangrentas contra a opressão espanhola e o terror imposto pelo Sendero Luminoso foram marcantes da identidade desse povo. Tanto que os traços do medo, da apatia e da miséria ainda permanecem enraizados nas pessoas, de geração em geração.
- d) O trauma de momentos históricos violentos pode ser uma das causas que levam os descendentes *quéchuas* a permanecerem passivos ante a exploração, a baixa escolaridade e, portanto, a falta de empregos fixos e as condições básicas à vida;
- e) Conforme a bibliografia percorrida ao longo do trabalho, pudemos ver que além das funções ecológicas, educativas, destacamos a importância da estética e do conforto térmico. Dessa forma, acredita-se que a implantação de áreas verdes possa atuar não somente na melhoria da qualidade de vida, do ar, como também beneficiando as pessoas quanto às necessidades sociais e psicológicas.
- f) Durante o trabalho de campo, notamos a expressa necessidade de áreas verdes a fim de equilibrar a temperatura que passava dos 30° C, ter um lugar à sombra e para quebrar a monotonia da paisagem seca.
- g) Percebeu-se que a ideia de conservação ambiental parecia confusa aos moradores huanaqueños, pois se por um lado, a prefeitura investia em parques e praças e os cidadãos procuravam preservá-los. Por outro lado, o mesmo não acontecia com o Rio Huallaga, o principal da cidade, já que todos os resíduos eram despejados nele.

Portanto, conclui-se que ainda existem diversos paradoxos que permeiam a nossa sociedade neste século. A eterna luta do homem com a natureza continua, mas aquele tem conseguido dominar esta cada vez mais com o uso de tecnologias, ao passo que ainda permanece vulnerável à ação dela.

A sociedade em questão tenta levantar a bandeira da correta utilização da natureza, comercialmente chamada de “recursos naturais”, a fim de perpetuar a espécie humana, pois à medida que se aprende a dominá-la, percebe-se que ainda é e será sempre dependente dela.

Da mesma que também um dia o homem precisou destruir a natureza para construir a sua arte, na forma de cidades, hoje entende que precisa de um “pouco” dela para se refugiar, ter momentos de desfrutar daquilo que é natural.

Por fim, a necessidade vista em terras peruanas, mais precisamente nas duas comunidades de estudo, mostra-nos que outrora o homem era parte da natureza e atualmente, tem até se esquecido (não propositalmente) de que está anelado a ela, e assim, pretende resgatar o seu valor, o seu equilíbrio para poder reafirmar o seu próprio equilíbrio emocional, físico, social e psicológico.

Referencias

BÄHR J. e BORSDOF, A. *La ciudad latinoamericana*. La construcción de un modelo. Vigencia e perspectivas. Revista Ur[b]es, ano 2, nº2, novembro de 2005, Lima.

BUCCHERI FILHO, A. T.; NUCCI, J. C. *Espaços livres, áreas verdes e cobertura vegetal no bairro Alto da XV, Curitiba-PR*. Revista do Departamento de Geografia (USP), São Paulo, v. 18, p. 48-59, 2006.

CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1987.

CASTELLS, Manuel. *Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CASTELNOU, A. M. N. *Cidade e Natureza: uma introdução ao tema*. Impulso Piracicaba, v. 17, p. 17-30, 2006.

CARVALHO, M. de. *O que é natureza*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CISOTTO, M. F. *Natureza e Cidade: relações entre os fragmentos florestais e a urbanização em Campinas (SP)*. Dissertação de mestrado em Geografia. Unicamp, 2009.

CLAUDIO, C. E. Region, Estado y nación en la sierra de Huanuco, siglo XIX. Revistas Investigaciones Sociales, año XI, nº 18, p. 277-312. Lima, 2007.

COSTA, N. R. *A Questão Sanitária e a cidade*. Revista Espaço & Debate, São Paulo, n. 22, p. 5-25, 1987.

DE ANGELIS NETO, G. e DE ANGELIS, B.L. D. A vegetação e sua importância no controle de áreas urbanas degradadas. In: Anais do IV Simpósio Nacional de Áreas Degradadas, Blumenau-SC: Fundação Universidade Regional de Blumenau-SC, 2000.

DEGREGORI, C. I. Sendero luminoso. Documento de trabajo nº 4 y 6. Instituto de Estudios Peruanos (IEP). Serie Antropología nº2 y 3; Lima, 1988.

FIGOLI, L. H. G. A paisagem como dimensão simbólica do espaço: o mito e a obra de arte. Trabalho apresentado no XIII Ciclos de Estudos sobre o imaginário, 2004, Recife.

GERALDO, D.de S. *Área verde cresce 21,7 % e Campinas chega mais perto de meta da ONU* 29/07/2008. Disponível em: <www.campinas.sp.gov.br/noticias>.

GIVONI, B.; et al. *Outdoor comfort research issues*. Energy and buildings, [SI], v. 35, n.1, p. 77-86, January 2003.

GONÇALVES, C. W. P. *Os (Des)caminhos do meio ambiente*. 5ªed., São Paulo: Contexto, 1996.

GUIMARÃES, S. T. L. *Imagens de Lugar: um estudo de percepção, interpretação e representação do meio ambiente*. Relatório Final de Atividades Científicas/FUNDUNESP, agosto, 2004.

HENRIQUE, W. *A cidade e a natureza: a apropriação, a valorização e a sofisticação da natureza nos empreendimentos imobiliários de alto padrão em São Paulo*. Geousp, Espaço & Tempo, São Paulo, nº20 v. 1, p. 65-77, 2006.

KATZSCHNER, L. *Urban climate maps – a tool for calculation of thermal conditions in outdoor spaces*. In: PASSIVE AND LOW ENERGY ARCHITECTURE – PLEA, 2000, Anais. Cambridge, UK: James & Jamesp. 453 – 458.

LECHNER, N. *Heating, cooling, lighting: design methods for architects*. Canada: John Willey & Sons, 1990.

LEITE, R. P. *Contra-uso da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

LIMA, S.B. *Os Jardins de Campinas: o surgimento de uma nova cidade (1850 - 1935)*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo), PUCCamp FAU, 2000.

LOBODA, C. R. e ANGELIS, B. L. D. *Áreas verdes públicas urbanas: conceitos usos e funções*. *Revista Ambientia*, Guarapuava - PR, v. 1, p. 125-139, 2005.

LUCHIARI, M. T. D. P. *A Mercantilização das Paisagens Naturais*. In:

BRUHNS, Heloísa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luis (Org.). *Enfoques Contemporâneos do Lúdico*. Campinas: Autores Associados - FEF/Unicamp, 2002.

MOREIRA, R. *Pensar e Ser em Geografia*. 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MORERO, A. M. *Planejamento ambiental de áreas verdes no município de Campinas (SP)*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Universidade Estadual de Campinas, 1996.

MORENO, M. M. *Parâmetros para a implantação efetiva de áreas verdes em bairros de baixa densidade*, Unicamp, dissertação de mestrado em engenharia civil, 2006.

NUCCI, J.C. *Qualidade ambiental e adensamento: um estudo de planejamento da paisagem do Distrito de Santa Cecília (Município de São Paulo)*. Tese de Doutorado em Geografia Física, F.F.L.C.H. - USP, São Paulo, 1996.

_____ e CAVALHEIROS, F. Espaços livres e qualidade de vida urbana. In: *Anais do III Congresso Brasileiro de Arborização Urbana*, Salvador, 1996. v. 1. p. 172-176.

OLIVEIRA, C.H. *Planejamento ambiental na cidade de São Carlos (SP) com ênfase nas áreas públicas e áreas verdes: diagnóstico e propostas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 1996.

OLIVEIRA, E. G. de RUTKOWSKI, E. W. *O saneamento urbano sob a ótica dos agentes sociais: a questão da sustentabilidade*. In: *XXVII Congresso Interamericano de Ingeniería Sanitaria y Ambiental*, Porto Alegre-MG. Anais XXVII Congresso Interamericano de Ingeniería Sanitaria y Ambiental, 2000.

RUAS, A. C. *Sistematização da avaliação de conforto térmico em ambientes edificadas e suas aplicações num software*. Campinas, SP, 2002, Tese (doutoramento) em saneamento – Faculdade de Engenharia Civil, UNICAMP.

SALGUEIRO, T. B. *Paisagem e Geografia*. Revista Finisterra, XXXVI, 72, 2001, p. 37-53, Lisboa – Portugal.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço*. Técnica e tempo, razão e emoção. 4ª edição, Editora EDUSP, São Paulo, [1996] 2006.

SANTOS, A.da C. *Campinas, das origens ao futuro: compra e venda da terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá (1732-1992)*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2002

SCANDURRA, E. *Dossiê: entre natureza e cultura — natureza e cidade, margem*, São Paulo, nº 15, p. 135-152, jun. 2002.

SERPA, A. S. P. *O Espaço Público na Cidade Contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007

SUERTEGARAY, D. M.; BASSO, L. Al.; VERDUM, R. (Org.). *Ambiente e Lugar no Urbano - A Grande Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

VIEIRA, P. B. H. Uma visão geográfica das áreas verdes de Florianópolis, SC: estudo de caso do Parque Ecológico do Córrego Grande (PECG). Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 2004.

VITALE, L. Hacia un historia del ambiente en America Latina. Revista Nueva Sociedad, Caracas. 1983.

Censo Nacional do Peru, 2007. PNUD ONU. Instituto Nacional de Estadística e Informática. Lima, peru.

Web sites:

Banco Central de Reserva do Peru: <http://www.bcrp.gob.pe/>

Google maps: <https://maps.google.com.br/maps?ct=reset&tab=ll>

Municipalidad de Huanuco: <http://www.munihuanuco.gob.pe/>

Portal de Huanuco: www.huanuco.com